

A RECORDAÇÃO DE DEUS

Swami Paratparananda¹

8/8/1972

Um dos métodos mais eficazes para liberar-se das armadilhas deste mundo, ou alcançar a liberação, consiste na prática da constante presença de Deus; assim dizem os santos de todas as religiões em todos os tempos. Geralmente o homem só está consciente do mundo físico, ou seja, aquele que pode perceber pelos cinco sentidos. Seu conceito de mundo na época atual é apenas de uma entidade material. Não o vê nem mesmo como uma criação de Deus. Mas não há dúvida de que é movido e se sente atraído pela constante mudança do panorama do mundo. Por exemplo, o formoso pôr do sol refletido sobre um lago ou mar, as maravilhosas cores e extensão do arco íris, a refrescante luz da lua em uma noite silenciosa, cada um desses quadros talvez o arrebate. O doce murmúrio de um arroio ou o cantar dos pássaros tranquiliza seus nervos e às vezes até o leva ao êxtase; no entanto todos estes elementos somente podem tocar a parte superficial de sua pessoa, ou seja, seus sentidos e, em certo grau, sua mente. Pode recordar estes momentos durante toda sua vida como de alegria inexpressável e sem inibição.

No entanto tudo isto não o capacita para penetrar em sua personalidade se não pode tocar seu ser. A sensibilidade dessa pessoa pela natureza é somente passageira, pois no momento seguinte pode ser que cometa um ato brutal ou perverso e sem nenhuma delicadeza de consciência, se não crê em um propósito elevado da vida, em um destino nobre do homem, em um ser que more em todos e perceba tudo. Não obstante não se descarta a influência da natureza sobre a vida espiritual. Vamos narrar um acontecimento na vida de Sri Ramakrishna que ilustra isso.

Quando era um menino de sete anos, livre como o ar, estava atravessando certo dia um campo em sua aldeia natal, viu passar voando um bando de garças brancas, destacando-se sobre um fundo de nuvens escuras na vasta extensão do céu na aldeia. Ele entrou em êxtase e caiu ao solo, perdendo assim toda a consciência externa.

Mas infelizmente o homem normalmente não tenta olhar além das aparências, além do mundo fenomenal. É por isso que seus frutos

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia, antes de ser enviado pela Ordem Ramakrishna à Argentina em 1968.

também são deste mundo, pois como disse o Katha Upanishad: “Não se pode alcançar Aquilo que está além, o Eterno, recorrendo ao efêmero”. Também é a experiência de todos no mundo de que se colhe o que se planta. Se se pensa todo o tempo no material, nos últimos momentos da vida também se pensará em coisas mundanas; e isto o fará nascer várias vezes aqui no mundo. Devemos destacar que a vida humana tem um propósito mais elevado, que é ver a Deus e assim poder liberar-se. Sri Krishna disse no Bhagavad Gita: “Pensando em qualquer pensamento, quando se descarta seu corpo, Ó Arjuna, o alcança, já que em toda sua vida pensou nisto. Portanto, recordes sempre a Mim e lute. Entregues assim, tua mente e intelecto, chegarás a Mim. Não cabe dúvida nisto”.

Então que devemos fazer? Devemos renunciar a tudo? Isto não é possível para todos. Sri Ramakrishna sugere aos que vivem com sua família a renunciar mentalmente e agarrar os pés de Deus com ambas as mãos quando não estiverem ocupados em suas tarefas e deveres. E quando se encontrem trabalhando, aderir-se a Ele com uma mão ao menos. Que significa isso? Que devemos recordar a Deus com todo o coração e alma quando nos encontremos livres de nossas ocupações e mesmo quando estivermos cumprindo com nossos deveres, pensar Nele com uma parte de nossa mente.

É claro que isto de nenhuma maneira é uma prática fácil, no entanto não há outra saída deste mundo de pesares e atribulações para o ser que se encontra envolvido no mundo. Para a maioria da humanidade Deus é uma palavra e nada mais, porque não O viram.

Como podemos aproximar-nos de Deus, a Quem não percebemos? Vamos responder com as palavras de um discípulo de Sri Ramakrishna, Swami Adbhutananda, quem no sentido mundano era considerado um analfabeto, pois nem sequer podia ler ou escrever as letras e no entanto tinha as mais elevadas realizações. Certa vez dois jovens ocidentais se aproximaram dele e fizeram esta mesma pergunta. Ele respondeu: “Suponhamos que vocês busquem empregos, que farão? Enviarão súplicas ao gerente ou diretor das empresas, sem conhecê-lo, não é assim? Então, onde está a dificuldade em que vocês possam fazer o mesmo com Deus?” Esta resposta simples calou as orgulhosas jovens e as fez admitir sua lógica. Se considerarmos ao Senhor como próprio não haverá dificuldades ou dúvidas a respeito destas coisas.

A dificuldade está em pensar que estamos longe Dele. Deus não é um estranho, nem está longe de nós. Para aquele que considera o universo como a criação de Deus, todos são filhos de Deus e o filho tem seu direito à herança da imortalidade e bem-aventurança eterna. Só temos que reclamá-la ou sermos maiores de idade para recebê-la. Senão, como um bondoso pai, Ele não nos entregará, temendo que a desperdicemos.

Só vendo-O pode-se exigir Dele o que se quer. Ele está sempre disposto a dar-nos tudo que pedimos, mas devemos ter cuidado em não pedir coisas fugazes que nos envolvam neste mundo; devemos orar como Nárada. Certa vez o Senhor apareceu diante dele e lhe disse: “Estou muito satisfeito contigo. Peça-Me um dom”. O sábio respondeu: “Ó Senhor! Estou contente com Tua visão, não quero nada mais”. Mas o Senhor insistiu: “Peça-Me outra coisa”. Então Nárada disse: “Bendiga-me para que tenha amor puro por Ti e não seja enfeitiçado por Tua encantadora Maya (ilusão) do mundo”.

As pessoas falam em renunciar a tudo ao final de sua vida como se isto fosse tão fácil como descartar a uma roupa usada. Os apegos às coisas aumentam à medida que as acumulam, sem que se dê conta disso, até que penetrem na medula dos ossos, por assim dizer. Portanto abandonar todas essas atrações e posses ao entardecer da vida será igual a quebrar-se os ossos ou afogar-se pela falta de ar. Mesmo quando o homem está no vigor de sua juventude suas ideias giram ao redor de seu tesouro, então, será possível abandonar este apego quando se envelhece? O que acontece com uma pessoa que se apega às suas posses e parentes está descrito de forma gráfica por Sri Ramakrishna. Disse: “Essa pessoa, inclusive no leito de sua morte, pede aos que o rodeiam que não acendam tantas luzes e gastem inutilmente”. Este homem ainda está pensando em economizar, mas não sabe que não pode levar a riqueza consigo quando morrer.

Que ninguém se engane especulando que poderá dedicar a última parte de sua vida à contemplação de Deus. Devemos prestar atenção ao que dizem os sábios quando exortam: “Apliquem-se com empenho ao que é auspicioso, pois na realidade quem saberá quando a morte nos levará a sua morada”? Se algo é certo neste mundo é a morte, ninguém pode evitá-la. Quase a metade dos poucos anos da vida que nos são proporcionados passamos dormindo ou na atenção do corpo; a quarta parte ou mais passamos ganhando o necessário para viver. Também devemos descontar os primeiros vinte anos que se passam na infância e em preparar-se para enfrentar o mundo. Vemos assim que só uma pequena fração resta ao homem para ser utilizada como ele quer.

Não pode haver duas opiniões sobre a duração da vida. Mesmo cem anos que talvez seja o limite do que o homem pode viver de forma sã, são insuficientes para cumprir todas as ambições e desejos no mundo. Que a vida é curta é aceitável até para os agnósticos e ateus. O homem é livre para utilizar devidamente ou não, estes poucos anos para ir além da transmigração, para afastar-se deste círculo de nascimentos e mortes. Também, se acreditamos nas escrituras, que são a autoridade com relação a tudo que se relaciona com o que está além da compreensão do homem

comum, devemos aceitar que aqueles cujas ações são parecidas com às dos animais nesta vida, irão nascer possivelmente como bestas na próxima. Disse o Prashna Upanishad: “Como resultados das boas ações se vai para as esferas mais elevadas; e com as ações más, se nasce como ser inferior. E como resultados destes dois tipos de ações combinadas é que se obtém o nascimento humano”.

Também é razoável presumir que uma pessoa se transforme naquilo que pensa constantemente. Se há desejos em um homem que não pode satisfazer no corpo humano, é natural que adquira um corpo adequado, depois da morte, para gozar destes desejos.

Portanto, tendo este corpo humano, não devemos abrigar desejos que nos obriguem a cair deste estado. É por isso que Sri Shankara no princípio do Viveka Chudamoni² louva com palavras elogiosas a vida humana, dizendo: “Rara é esta vida humana, muito mais precioso é nascer com boas tendências, ainda mais apreciável é a inclinação pela reta conduta enunciada pelas escrituras, mais elevado ainda é ter a faculdade do discernimento entre o Ser e o não-Ser e em seguida experimentar a unidade com Brahman que é a liberação. Não se consegue esta liberação senão mediante os méritos adquiridos durante milhões de vidas anteriores”. Hoje em dia não podemos apreciar o valor da vida humana porque milhares morrem em acidentes e guerras. Assim se considera ao ser humano como qualquer inseto desprezível, mas se examinarmos esta declaração citada, ficaremos assombrados em ver quão precioso é.

Havendo nascido neste mundo imperfeito, devemos descartar de um modo ou de outro as limitações que encontramos em todas as partes e em todos os caminhos. Livrar-nos delas de uma vez por todas é chamado em sânscrito mukti ou liberação.

Mediante esta discussão vimos como o homem chegou a prender-se ao mundo. Também nela encontramos a saída disso. Se nos enredamos contemplando as coisas efêmeras, é lógico deduzir que pela contemplação de Deus ou do Supremo, do eternamente puro, consciente e livre, podemos inculcar em nós mesmos todas estas qualidades em certo grau, pouco a pouco, até que ao final o encanto do fenomenal se desvaneça e comecemos a ver a Aquele Ser, que tudo permeia, em toda parte.

Sem dúvida é difícil alcançar a meta, mas nem por isso deve-se descuidar totalmente de seguir o caminho ou desanimar-se. Sri Krishna

² “A Joia Suprema do Discernimento”, uma das obras mais conhecidas de Sri Shankaracharya (nota do tradutor).

disse que mesmo um pequeno ato de retidão nos salva de uma grande catástrofe. Para o homem que aspira ter a visão de Deus, tudo o que o afasta Dele é uma catástrofe. Pode salvar-se das tentações perigosas se aderir-se firmemente às suas práticas diárias em horas fixas. Há uma estória que ilustra este ensinamento de Sri Krishna. Em certa aldeia vivia um piedoso e elegante devoto a quem toda a comunidade respeitava; mas uma mulher se sentiu atraída por ele e com a intenção de seduzi-lo o convidou a sua casa. O devoto, que não tinha nenhuma ideia do que ela pensava, aceitou o convite. Ele falou sobre assuntos espirituais até o entardecer e depois se recordando que era a hora de sua prática, despediu-se dela.

Isto se repetiu vários dias até que a mulher, vendo que não podia desviá-lo, abandonou sua intenção e dedicou sua vida a religião.

Todas as pessoas não estão dotadas igualmente com os dons de saúde, força e intelecto. Portanto cada um tem que escolher e seguir o caminho segundo sua capacidade, pois há vários caminhos que conduzem a Deus, como por exemplo, o da ação, o da devoção, o do conhecimento e o do controle físico-mental. Nem todos estão capacitados para seguir o caminho do conhecimento ainda que os intelectuais sejam atraídos por ele. Este caminho não se constitui de mero intelectualismo, se bem que se necessita de um intelecto bem firme e agudo. Consiste de muitas práticas duras; o praticante tem que começar com a negação do universo em seu estado aparente e até negar a realidade objetiva de seu corpo. Só os que são capazes de fazer isto devem escolher este caminho. Nesta época, o caminho da devoção é aconselhado por Sri Ramakrishna para a maioria e uma prática comum para todos estes caminhos é a recordação de Deus.

Como se pode praticar esta recordação? Em todos os momentos de nossas vidas fazemos algo, imaginamos algo ou planejamos algo. Não é possível para nós viver sem atividade, seja física ou mental, nem por um momento, mesmo aquele mais preguiçoso estará sonhando com fortunas ou prazeres infinitos. A inatividade é uma impossibilidade neste mundo, salvo para alguns poucos, que se pode contar com os dedos das mãos. Quando Arjuna se propôs a renunciar a tudo e retirar-se da batalha, Sri Krishna o advertiu: “Tua própria existência estará em perigo se não trabalhares”. Observamos assim que o trabalho não é uma desculpa para não pensar em Deus. Sri Krishna sugere o método para recordar a Deus quando diz: “Qualquer coisa que faças, que comas, o que sacrificas, o que dás, o que executas como austeridade, ó Arjuna, ofereça tudo a Mim”.

Aqui temos a instrução perfeita, só necessitamos colocá-la em prática. Como podemos fazê-lo? Nesta época de demasiada pressa, o

homem esquece muitas coisas, incluindo as mais importantes e assim corre o risco de provocar desavenças na família e entre os amigos. Se isto acontece com os que ele considera como seus, como podemos esperar que recorde a Deus? Para sair desta situação, primeiro devemos deixar de apressar-nos, pois a demasiada pressa não conduz à perfeição, em nenhuma ação, pois a pressa agita a mente e a mente agitada não pode pensar corretamente em tudo. Se observarmos a vida deste homem descobriremos que é muito desordenada; se levanta a qualquer hora, pois esteve desperto até noite muito avançada e mesmo assim não se sente repousado. Mas suas obrigações o obrigam a apressar-se. Não encontra tempo para recordar todas as coisas que deve fazer e muito menos a Deus. Esta situação deve mudar. Aquele que deseja levar uma vida espiritual deve ordenar sua vida cotidiana. Ao despertar, ainda estando na cama, deve saudar a Deus mentalmente e após atender as necessidades físicas, passar um bom tempo na contemplação do Senhor. Antes de tomar o desjejum deve oferecê-lo ao Senhor ainda que seja mentalmente; antes de começar qualquer trabalho deve recordá-Lo e invocar sua benção e quando terminar oferecer a Ele e assim em todas as atividades deve sentir a presença de Deus.

Por outro lado, se o homem recorda a Deus somente quando está em apuros ou precisa de algo, não se pode chamá-lo um amante de Deus. A recordação constante é imprescindível, para aquele que anela vê-Lo. Deve-se recordá-Lo em todos os atos, mesmo quando está comendo, porque essa é a hora em que as pessoas costumam esquecê-Lo devido à atração da comida ou outras circunstâncias. Um poeta e devoto cantou: “Ó minha mente, contempla a Divina Mãe de qualquer modo que queiras. Recorde-A em todos os seus atos. Considera o que comes como uma oferenda a Ela”. Também diz o Senhor no Gita: “Eu moro em todos os seres como o fogo que queima o alimento ou poder de digestão”. Aqui temos uma sugestão para a contemplação: o que comemos deve ser considerado como uma oferenda ao Senhor. Esta é a atitude que devemos tentar cultivar.

O poeta continua: “Quando estás ocupado em tuas tarefas, considera que estás passeando ao redor da Divina Mãe, quando te deites, pense que estás prosternando-se diante Dela”. Quando se dá ou presenteia algo a alguém deve considerar como uma oferenda a Deus. Normalmente a atitude de uma pessoa que faz caridade é a de um superior a alguém inferior, mas não são todos filhos de Deus? Como pode ser alguém superior a outro? Esta atitude só aumenta a vaidade e de nenhum modo é favorável à vida devocional, pois até que se logre ter a equanimidade e ver a igualdade em todo o manifestado, não se pode

alcançar a Deus. A atitude correta deve ser a de adoração mesmo quando se dá esmolas a um mendigo. Swami Vivekananda disse, “Deus deu ao homem a oportunidade de fazer caridade e assim servi-Lo”. Todo serviço que prestamos a humanidade deve ser realizado com esta atitude. Se o homem recorda isso, não esquece a Deus em nenhum momento.

Isto o tira de seu egocentrismo, o que o faz sempre pensar em sua própria comodidade e felicidade.

Este mundo é a criação de Deus, portanto tudo o que existe nele deve trazer a nossa mente o pensamento do Senhor; em lugar disso estamos enfeitiçados e presos pela emoção gerada pelo mundo e esquecemos a seu Criador. Esta é a causa de perdermos a capacidade de controlar nossa mente. Ela tenta afastar-nos de nosso ser real, de Deus. Por que faz isso? “Porque – diz um dos Upanishads – a mente foi criada com os sentidos com a tendência de extroversão”. Os órgãos dos sentidos apresentam ante a mente os objetos fascinantes, e se esta [a mente] não está dominada pela faculdade do discernimento, cai vítima de imagens agradáveis e inevitavelmente esquece a Deus. Além disso, se nossas orações têm motivos pessoais, há o perigo de esquecê-Lo totalmente quando não obtemos os objetos desejados. A recordação de Deus se estabelece firmemente somente quando nasce o amor por Ele em nosso coração, mas não devemos esperar que ele nasça, pois o amor germina só quando o terreno estiver preparado, ou seja, quando nos desligamos de outros pensamentos e objetos. Não devemos aspirar à perfeição repentina por qualquer método de aproximação à Deus. É uma luta de toda a vida; portanto não devemos diminuir nossos esforços. É como nadar contra a corrente: no momento em que cessamos nossos esforços, seremos levados rio abaixo, antes que nos demos conta disso ou que recuperemos nosso fôlego. Sri Ramakrishna dá o exemplo do barqueiro para ilustrar como se deve lutar para ver a Deus. Disse, “Enquanto o bote se encontra nas curvas do rio e o vento sopra contra ele, o barqueiro rema e está alerta, e se mantém afastado dos bancos de areia e rochas ocultas; mas assim que alcança a corrente principal pode deixar de remar, solta as velas ao vento favorável e senta-se para fumar”. A corrente principal significa estar completamente imbuído do pensamento de Deus. O vento favorável é Sua graça, remar significa fazer esforços, os bancos de areia e as rochas ocultas são os perigos ocasionados pela fascinação pelas coisas do mundo. Soltar as velas é a submissão à vontade de Deus. Quando a graça de Deus e a absorção total em Seu pensamento estão combinadas, nada neste mundo pode perturbar ao devoto; pode estar certo de alcançar a meta.

Sobre até quando é necessário esforçar-se, Sri Ramakrishna cita

outro exemplo. Disse: “Um ourives em seu trabalho de fundir utiliza os foles, sopra através de um tubo e abana, para gerar o calor adequado. Mas assim que consegue terminar seu trabalho, descansa quanto pode”. Similarmente, devemos aproveitar toda oportunidade que se apresente para pensar em Deus até que O vejamos e tenhamos comunhão com Ele intimamente. Vamos citar alguns incidentes da vida de Sri Chaitanya, uma Encarnação Divina. Certa vez passava por um bosque quando de repente recordou-se do pequeno bosque de Vrindaban e entrou em êxtase; também, vendo ao mar o tomou pelo rio Jamuná, a cujas margens Sri Krishna passou sua infância espargindo felicidade por toda a aldeia; recordou a Sri Krishna e caiu em suas águas. Para o devoto, tudo traz a sua mente alguma manifestação de Deus e assim, se recorda Dele.

Patanjali disse que o progresso na vida espiritual de uma pessoa está na devida proporção da força com que luta. Existem aqueles que dizem que nada acontece senão ao seu devido tempo e não fazem nenhuma prática; estas pessoas não poderão lograr nada, disse Sri Ramakrishna. As pessoas mostram esta atitude só no que diz respeito ao Espírito. Já vimos alguém que deixou de esforçar-se para ganhar a vida dizendo que comerá ao seu devido tempo? Não, porque sente que o alimento é indispensável para a sobrevivência do corpo e que o corpo é seu; e mais ainda, que ele é o corpo. Quando tenhamos esse mesmo sentimento para com o Espírito, só então o anelo para ver a Deus será indomável e não nos importará o que aconteça com o corpo. A única ideia proeminente em nosso coração será a de Deus.

Pode surgir uma dúvida: muitos praticaram árduas disciplinas, durante longo tempo antes de lograr um vislumbre de Deus. É possível então ver a Deus apenas pela prática de Sua presença ou Sua constante recordação? Sim, existiram santos que alcançaram a Deus simplesmente mediante a recordação de Deus, mas sua recordação era genuína. Para expressar nas palavras de Sri Ramakrishna: “Não havia fraude na câmara de seu coração”, ou seja, não falavam uma coisa enquanto pensavam em outra. Sua submissão a Ele era total, sem nenhuma reserva.

Pareceria que esta prática é insignificante, que não vale a pena. Mas se aprofundarmos descobriremos que não é tão fácil como parece. Ocupado nos deveres do mundo, o homem esquece a Deus por completo. E ainda se repete Seu nome, só se movem seus lábios, mas no coração não sente nada; lá se adora alguma outra coisa. Há uma estória que ilustra esse ponto. Certa vez Nárada, que sentia orgulho de ser um grande devoto do Senhor, foi à Sua morada. O Senhor, percebendo os pensamentos mais íntimos de Nárada, quis mostrar-lhe o que significa ser

um verdadeiro devoto e lhe disse: “Meu filho, tu me farás um grande favor se for a tal lugar onde um querido devoto meu vive e trouxer notícias suas. Trate de conhecê-lo, pois ele está verdadeiramente dedicado a Mim”. Nárada foi aonde o Senhor lhe disse e encontrou a um camponês que se levantava muito de madrugada, pronunciava o nome do Senhor só uma vez e levando seu arado, arava seus campos todo o dia. A noite voltava e antes de deitar-se pronunciava o nome de Deus outra vez mais. Essa era toda sua prática espiritual. Nárada, observando-o durante muitos dias, disse a si mesmo: “Como pode ser este homem rústico um amante de Deus? Eu o vejo sempre ocupado em deveres mundanos e não possui nenhum sinal de homem piedoso”. Voltou à morada do Senhor e expressou o que pensava desse novo conhecido. Ao ouvir isso o Senhor lhe disse: “Ó Nárada, pegue essa taça de azeite, e dê um passeio pelos caminhos da cidade e volte com ela, mas tenha cuidado para que não caia nenhuma gota de azeite”. Nárada obedeceu ao pé da letra a ordem do Senhor e quando voltou o Senhor lhe perguntou: “Bem, meu filho, quantas vezes recordas-Te à Mim no transcurso de teu passeio pela cidade?” Respondeu Nárada: “Nem uma só vez, Senhor. Como poderia fazê-lo quando todo tempo tinha que observar essa taça cheia até a borda com azeite? Então o Senhor respondeu: “Esta taça de azeite distraiu tanto tua mente que tu, que se considera um grande devoto Meu, esqueceste completamente de Mim!” Mas olhe para o camponês, que ainda que levando a carga pesada de uma família, se recorda de Mim duas vezes todos os dias”. O sábio ficou envergonhado e desapareceu o orgulho de sua mente. Pois não se julga nossa devoção pelo que expressamos, mas pelo modo em que levamos nossa vida. Se não existe conformidade entre o que dizemos e o que fazemos, as práticas que realizamos não poderão dar os resultados desejados.

Quando se sente o coração cheio de amor por Deus, o homem fala e atua com amor por todos. A verdadeira recordação de Deus transforma ao homem em um deus. Sua mera proximidade faz sentir aos que o rodeiam, a presença do Altíssimo. Mas esta constante recordação de Deus se estabelece firmemente após um longo período de prática e nasce do verdadeiro amor por Deus. No entanto, este é um método que está aberto para todos: o avançado e o principiante, o rico e o pobre. Sri Ramakrishna menciona alguns signos de uma pessoa que realizou Deus. Diz: “Seu anelo pelo Senhor se manifesta no discernimento, desapego, compaixão para com todos os seres vivos, serviço aos homens piedosos, alegria em sua companhia, cantar o nome e as glórias de Deus, aderir-se à verdade e coisas similares. Quando se veem esses signos de anelo em um aspirante, se pode dizer sem equivocar-se que para ele a visão de Deus não está longe”. E ilustra assim: “O estado da casa de um servente lhe

dirá sem dúvida se o patrão decidiu visitá-la. Primeiro limpam o lixo e as ervas daninhas ao redor da casa; depois se limpam a fuligem e os desperdícios; então se limpam os quartos, o quintal, os pisos e outros lugares; ao final o próprio patrão envia várias coisas para a casa, tais como almofadas, sofás, etc. Quando se vê a chegada destes objetos se pode concluir que o patrão virá breve”. Limpar a casa por fora e por dentro significa levar uma vida moral e correta, e pensar em coisas elevadas, apagando por completo todas as paixões da mente; equipar a casa com almofadas, sofás e outros móveis significa encher a mente com as boas qualidades já mencionadas.

Que Deus nos outorgue força e a vontade para praticar Sua recordação em todas as circunstâncias.



Este texto foi traduzido do original em Espanhol por um estudante dos ensinamentos de Sri Ramakrishna, Swami Vivekananda e Vedanta.